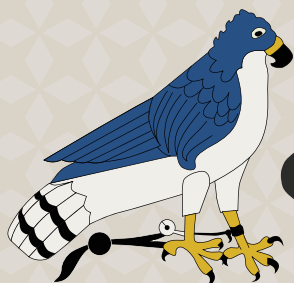
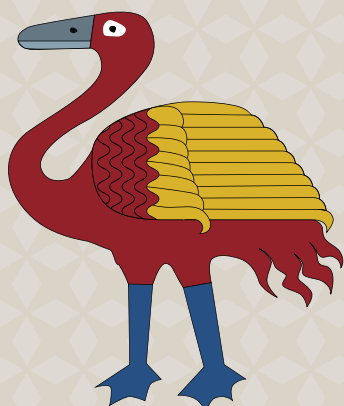
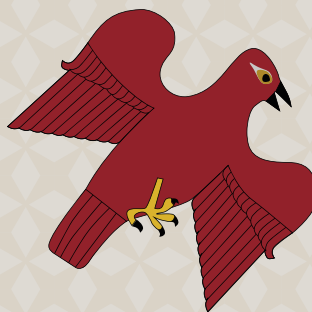
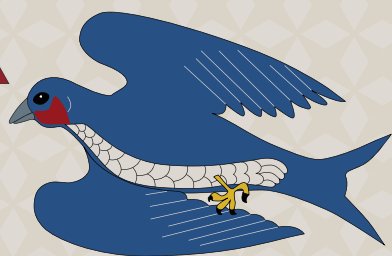
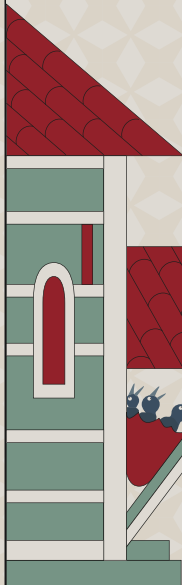


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



caliandra

COLEÇÃO
MIDIOEVUM
UnB



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Caliandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.

CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

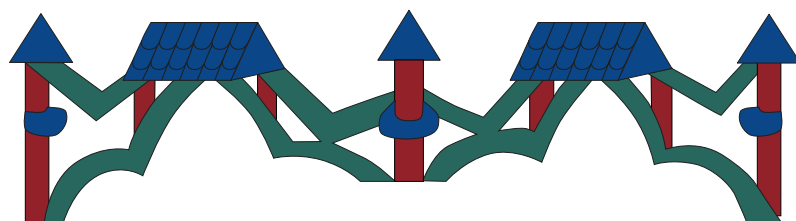
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação 7

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  10
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  33
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  51
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  62
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

5 Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

6 Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

7 *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca

8 *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

9 *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães

10 Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva

11 Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau

12 Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253



Parte III

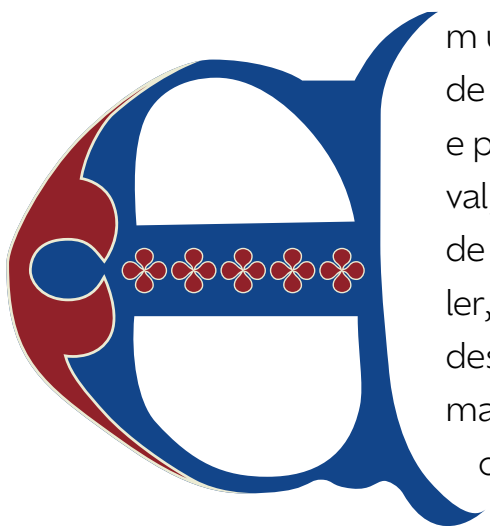
Interfaces entre a História e a Linguística
nos manuscritos medievais da UnB

Capítulo 14

Iluminar o costume:
arte e representação
nos manuscritos medievais
da BCE-UnB

SAMMYA RODRIGUES*

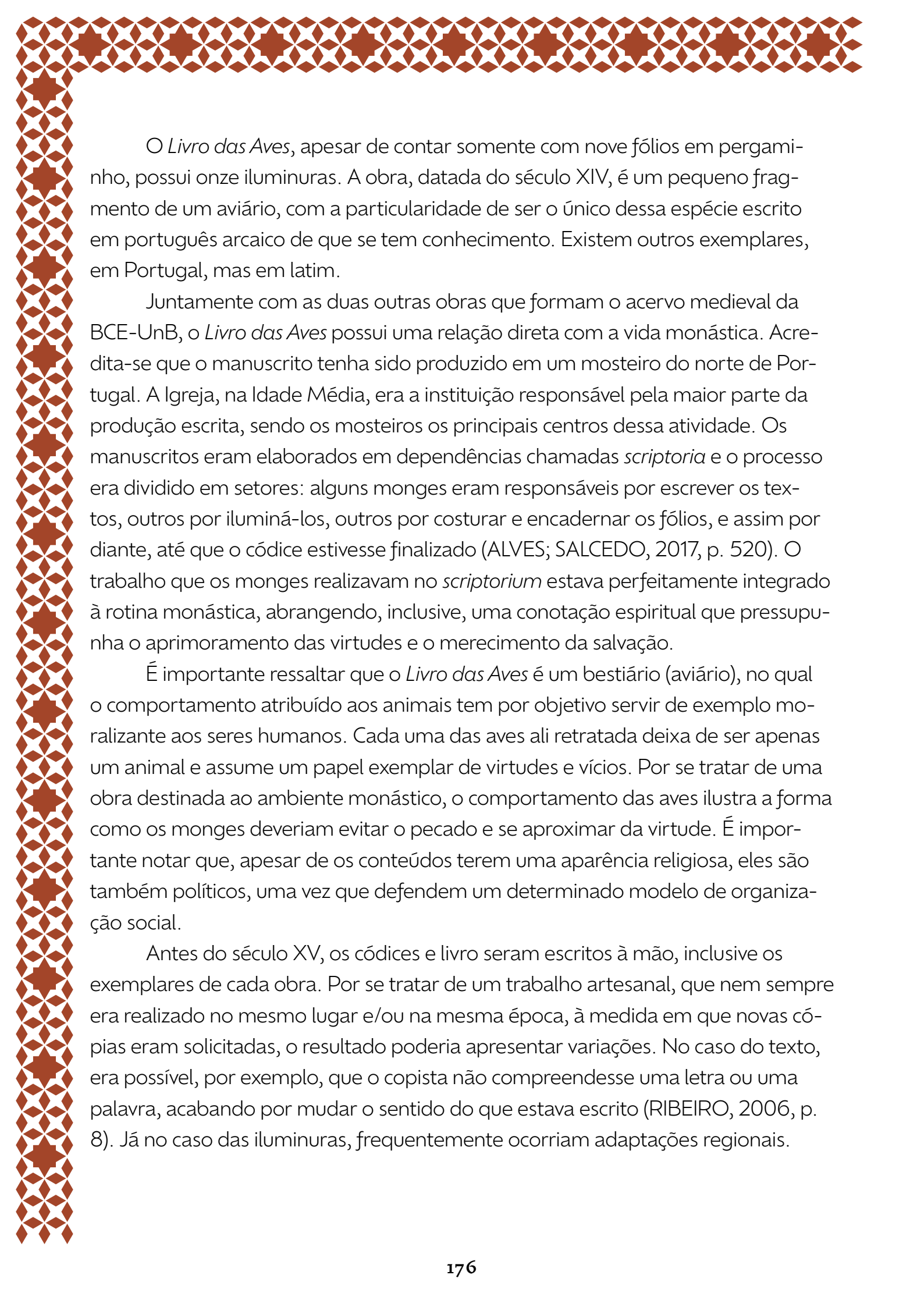
*Estudante do curso de História da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: sammya.rodrigues@gmail.com.



Em uma obra literária é possível identificar os vestígios de passados, a partir da vivência, da inspiração criativa e poética daquele que a escreve. A sociedade medieval, além de hierarquizada, apresentava altos índices de analfabetismo e, até mesmo aqueles que sabiam ler, frequentemente não sabiam escrever. Em termos dessas capacidades, a aristocracia era a ordem social mais preparada, sendo o alto clero identificado como o corpo social responsável pela produção do saber cristão. Soma-se, aqui, a particularidade de a Igreja se apresentar como intermediária incontornável da relação da humanidade com o divino.

A cultura visual é um aspecto muito marcante na Idade Média. Durante o período, a representação dos seres vivos recorria a textos, desenhos, iluminuras e esculturas. A combinação de textos e iluminuras era muito frequente, para ilustrar o que estava escrito de forma clara ou implícita. Procurava-se expressar ensinamentos morais e religiosos, com base em referências simbólicas, decodificados pelos leitores (CHAMBEL, 2014, p. 9). Esses vestígios escritos e imagéticos que sobreviveram fornecem importantes informações sobre diversos aspectos da vida na Idade Média, principalmente sobre os modelos políticos e sociais, permitindo também perceber como os responsáveis pela arte de iluminar textos criavam suas obras em profundo diálogo com os princípios e a tradição cristã.

A análise das obras medievais, portanto, requer um conhecimento da simbologia presente nessas obras, a fim de decodificar até que ponto a autoria interferiu nos cânones da representação cristã autorizada (SCHMITT, 2007, p. 33). Trata-se, obviamente, de uma tarefa que exige do historiador sólida formação erudita, uma preparação para a qual esta pesquisadora tem apenas dado os primeiros passos. Mas, disposta a correr os riscos que o desafio implicava e ciente das limitações dos resultados, este capítulo se propõe a apresentar algumas reflexões sobre as iluminuras do *Livro das Aves*, que faz parte do acervo dos manuscritos medievais da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), base documental da exposição *Vidas Manuscritas*.



O *Livro das Aves*, apesar de contar somente com nove fólios em pergaminho, possui onze iluminuras. A obra, datada do século XIV, é um pequeno fragmento de um aviário, com a particularidade de ser o único dessa espécie escrito em português arcaico de que se tem conhecimento. Existem outros exemplares, em Portugal, mas em latim.

Juntamente com as duas outras obras que formam o acervo medieval da BCE-UnB, o *Livro das Aves* possui uma relação direta com a vida monástica. Acredita-se que o manuscrito tenha sido produzido em um mosteiro do norte de Portugal. A Igreja, na Idade Média, era a instituição responsável pela maior parte da produção escrita, sendo os mosteiros os principais centros dessa atividade. Os manuscritos eram elaborados em dependências chamadas *scriptoria* e o processo era dividido em setores: alguns monges eram responsáveis por escrever os textos, outros por iluminá-los, outros por costurar e encadernar os fólios, e assim por diante, até que o códice estivesse finalizado (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 520). O trabalho que os monges realizavam no *scriptorium* estava perfeitamente integrado à rotina monástica, abrangendo, inclusive, uma conotação espiritual que pressupunha o aprimoramento das virtudes e o merecimento da salvação.

É importante ressaltar que o *Livro das Aves* é um bestiário (aviário), no qual o comportamento atribuído aos animais tem por objetivo servir de exemplo moralizante aos seres humanos. Cada uma das aves ali retratada deixa de ser apenas um animal e assume um papel exemplar de virtudes e vícios. Por se tratar de uma obra destinada ao ambiente monástico, o comportamento das aves ilustra a forma como os monges deveriam evitar o pecado e se aproximar da virtude. É importante notar que, apesar de os conteúdos terem uma aparência religiosa, eles são também políticos, uma vez que defendem um determinado modelo de organização social.

Antes do século XV, os códices e livros eram escritos à mão, inclusive os exemplares de cada obra. Por se tratar de um trabalho artesanal, que nem sempre era realizado no mesmo lugar e/ou na mesma época, à medida em que novas cópias eram solicitadas, o resultado poderia apresentar variações. No caso do texto, era possível, por exemplo, que o copista não compreendesse uma letra ou uma palavra, acabando por mudar o sentido do que estava escrito (RIBEIRO, 2006, p. 8). Já no caso das iluminuras, frequentemente ocorriam adaptações regionais.

Com relação aos bestiários, muitas vezes o animal referido no texto era desconhecido do iluminador, que tentava suprir sua ignorância com base nos atributos descritos. Logo, as iluminuras poderiam até apresentar traços com estilos diferentes, mas eram representados com os atributos necessários para o seu reconhecimento e assim, tornava-se possível a compreensão do seu significado. A originalidade não era uma característica necessariamente de grande valor na Idade Média. A capacidade de produzir uma cópia de grande qualidade era o que se esperava de um monge copista (RIBEIRO, 2006, p. 6).

Segundo Le Goff (2000), o homem sempre observou o mundo animal com um misto de admiração, respeito e medo, buscando imitar suas características de poder, força e coragem, com o intuito de evoluir moral e espiritualmente. No manuscrito intitulado Livro das Aves, cada uma das onze iluminuras apresenta uma narrativa composta por duas partes distintas: a primeira, a descrição das características de cada uma das aves; a segunda, a interpretação de seu sentido simbólico-alegórico.



Imagem 1 - Tratado do Noitibó
Fonte: Livro das Aves.
Manuscritos Medievais da BCE-UnB.

O noitibó é uma ave de pequeno porte e de hábitos noturnos, quando costuma se alimentar de pequenos insetos, frutos e néctar, dormindo de dia. Devido às características de seu canto, dizia-se que ele prenunciava a morte daquele que o ouve. Na iluminura, temos a figuração de um noitibó realizando um voo rasante em direção a um castelo que apresentava suas janelas abertas. Assim, a ave anunciava ao morador a sua morte iminente.

Na primeira parte do tratado, descreviam-se os hábitos do noitibó, ressaltando que ele se alimentava das trevas e da escuridão da noite. Numa interpretação mais profunda, de acordo com a cultura cristã, o noitibó anunciava a morte àqueles que não viviam sob a luz (moral) divina. A ave se aproximava daqueles cuja fé não era suficientemente forte. Uma fragilidade descuidada, representada pelas janelas abertas de um castelo, que facilitava a entrada do inimigo. Nesse mesmo sentido, a parte textual dizia ainda que o noitibó invadia casas e celeiros sem telhados – mais uma metáfora da fé –, sugando o leite das cabras, que representava a vida.



Imagem 2 - Tratado da águia
Fonte: Livro das Aves.
Manuscritos Medievais da BCE-UnB.

A águia é uma ave de rapina de grande porte e dotada de enorme acuidade visual. Na Idade Média, essas aves eram treinadas para auxiliar o homem na caça, principalmente na captura de presas de pequeno porte, como coelhos, esquilos, marmotas e outros animais, embora também conseguissem capturar presas maiores. Como toda ave de rapina, a águia é um animal carnívoro e algumas espécies se alimentam de ovos de outros pássaros e peixes. Na iluminura do tratado, a águia parecia dar um voo rasteiro em busca de alimento em um rio. No texto, apresentava-se o comportamento da águia durante a caça, com destaque para a sua capacidade de enxergar a presa a uma grande distância, diferentemente de outras aves de rapina.

Ainda sobre a visão, ressaltava-se que ela conseguia olhar diretamente para o sol durante o voo. Ao analisarmos mais profundamente a mensagem escrita e imagética, observamos que a águia era mostrada como símbolo da percepção e da contemplação. Podemos dizer que o fiel que conseguisse seguir os preceitos da fé cristã, provava-se digno da salvação divina, uma vez que conseguia encarar a verdade cristã, representada pela luz solar. Considerada a única ave capaz de voar em direção ao Sol sem fechar os olhos, a águia poderia muito bem representar a Igreja como a única capaz de guiar os fiéis, de olhos abertos, em direção ao reino de Deus.

O símbolo é composto por um significante, que, no caso, são as iluminuras das aves, e um significado, que, segundo a própria definição de símbolo, remete ao que não é dito (CHAMBEL, 2014, p. 10). O objetivo era levar o leitor/ouvinte a incorporar as virtudes dos animais, que lhe permitissem escapar dos vícios que levassem ao pecado e alcançar a salvação. Do ponto de vista da representação, é interessante observar que cada uma das aves do manuscrito foi iluminada/ilustrada com base em referências alegóricas, sem que houvesse a necessidade de seus traços morfológicos corresponderem às formas reais.



Imagem 3 - Tratado do açor
Fonte: Livro das Aves.
Manuscritos Medievais da BCE-UnB.

O açor é a única ave a ter mais de um tratado dedicado à sua espécie, no manuscrito do Livro das Aves. Trata-se de uma ave de rapina encontrada em várias regiões de Portugal. O açor era a única ave a ter uma dupla figuração na iluminura. O tratado, em sua primeira parte, descrevia justamente a função da ave no auxílio da caça, porém, mostrando dois tipos de comportamento: a do açor manso, que cumpria corretamente a sua função e, por isso, recebia uma recompensa de seu dono, e o açor bravo, que agia de forma rebelde e desobediente.

O açor manso representava o homem bom, obediente e de conduta espiritual exemplar, enquanto o bravo representava o homem mau, pecador, que desvirtuava os bons. Contudo, se observamos atentamente, vemos que o tratado ia além de uma simples descrição da função de auxílio do açor ao seu dono durante a caça: o tratado ilustrava a organização política e hierarquizada da sociedade medieval, em que a suserania e a vassalagem formavam o modelo desse período e definiam os direitos, deveres e posição social de cada um. Assim, existia entre o suserano e o vassalo o compromisso de justiça e de fidelidade, que implicava direitos e obrigações recíprocas.

Nota-se que os monges responsáveis pela execução das iluminuras procuravam ilustrar as aves de acordo com os atributos que lhes eram conferidos. Tais características transformavam-se, portanto, nos elementos que permitiam a identificação da ave ilustrada bem como a sua decodificação (CHAMBEL, 2014, p. 10-11), ou seja, a compreensão de seu significado, à luz da cultura cristã. Ao transcender o mundo propriamente biológico, alcançava-se um significado político, ao determinar como deveria ser o comportamento em sociedade, as virtudes a serem reproduzidas e os vícios a serem evitados.

De forma reiterada, as mensagens do *Livro das Aves* buscavam ressaltar a dualidade como natureza, um mundo permanentemente dividido entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo. A mensagem era retomada, de forma incansável, em cada um dos tratados das aves, mostrando que os vícios que levavam ao caminho da maldade deveriam ser evitados a todo custo e que as virtudes, que, consequentemente, levariam ao caminho da bondade, deveriam ser praticadas, visando à salvação no dia do Juízo Final.

As imagens, então, poderiam ser consideradas como importante forma de leitura na Idade Média, proporcionando aos que não sabiam ler os textos escritos, uma compreensão da mensagem. As imagens constituíam uma espécie de literatura dos analfabetos, pois, tais como as palavras escritas, elas exigiam uma capacidade de interpretação em diversos níveis, num processo gradual em que o sentido literal, percebido por meio da contemplação, deveria ser ultrapassado para dar lugar aos significados alegóricos, morais e religiosos. Segundo São Gregório, era essa enorme capacidade das imagens como fonte de ensinamentos que as impedia de serem consideradas como meros objetos de adoração e, em contrapartida, assumirem função de cunho moral e didático (VARANDAS, 2006).

O animal é o símbolo de uma imagética cujo valor iconográfico pertence a todos os tempos, tendo o seu significado transportado através das gerações. Mesmo que as sociedades tenham se modernizado em variados aspectos, o animal continua a ser símbolo de virtudes e vícios, por vezes usados para agredir, mas também para exaltar.

Referências

Fontes:

MANUSCRITOS Medievais da BCE-UnB.

Disponível em: <https://bce.unb.br/acervos/obras-raras/manuscritos-medievais-2/>.

Acesso em: 10 jan 2024.

Bibliografia:

ALVES, Mariana de Souza; **SALCEDO**, Diego Andres. Esclarecimento na Idade Média: o livro e a sua transmutação. *Agora*, Florianópolis, v. 27, n. 55, p. 501-522, jul./dez, 2017.

CHAMBEL, Pedro. Apresentação do Projeto de Investigação “Dicionário de Simbologias

Animais”: Problemática, Questões e Orientações. In: **CHAMBEL**, Pedro;

MIRANDA, Adelaide. *Bestiário Medieval*. Perspectivas de Abordagem.

Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, 2014.

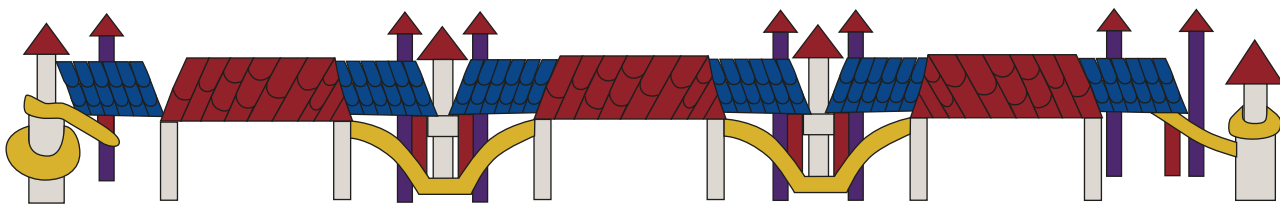
LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: **VOISENET**, Jacques. *Bêtes et hommes dans le monde médiéval*. Le bestiaire des clercs du Ve au XXe siècle. Turnhout: Brepols, 2000.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *O Livro das Aves*. In: *Semana de Estudos Medievais – Instituições, Cultura e Poder*. Brasília, 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Educ, 2007, p. 33.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. Arte e religião no Medievo. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 35-37.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista* [Online], 2 | 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/medievalista/931>. Acesso em: 27 dez 2023.



Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Tratados do Açor



Tratado da Cegonha



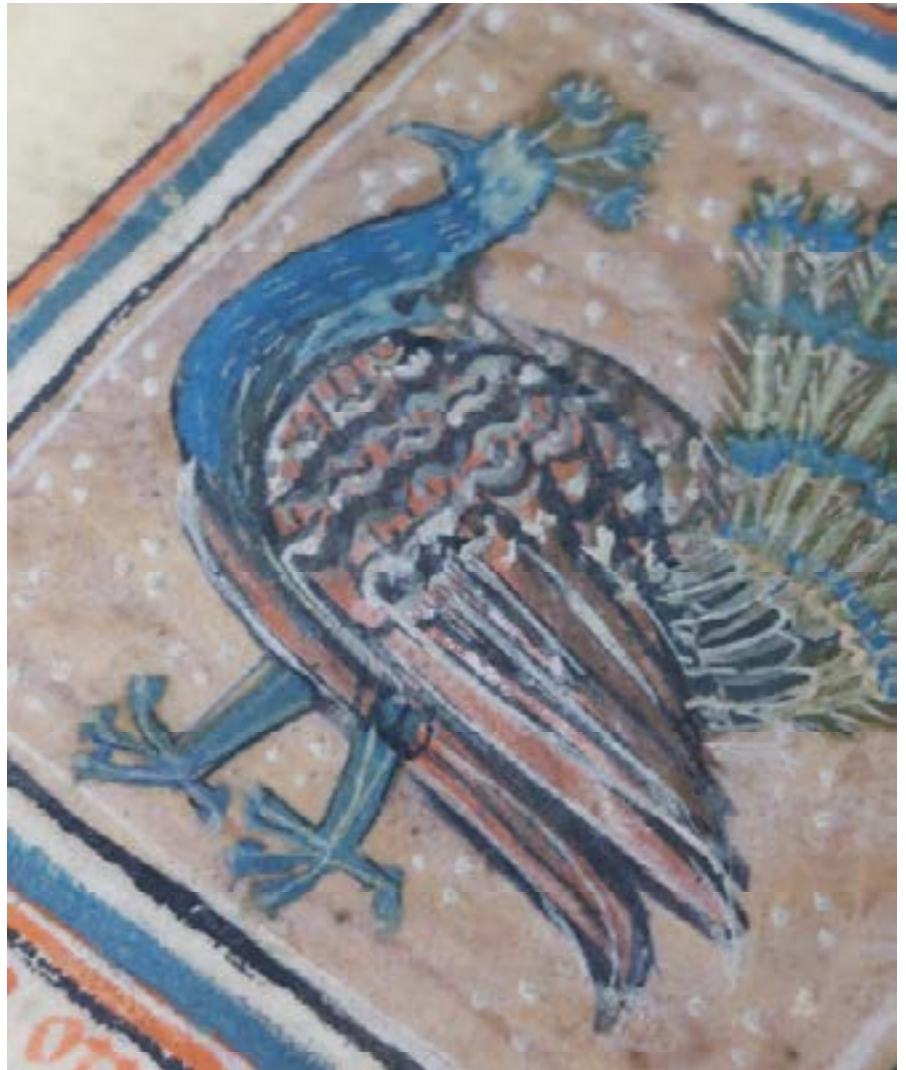
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

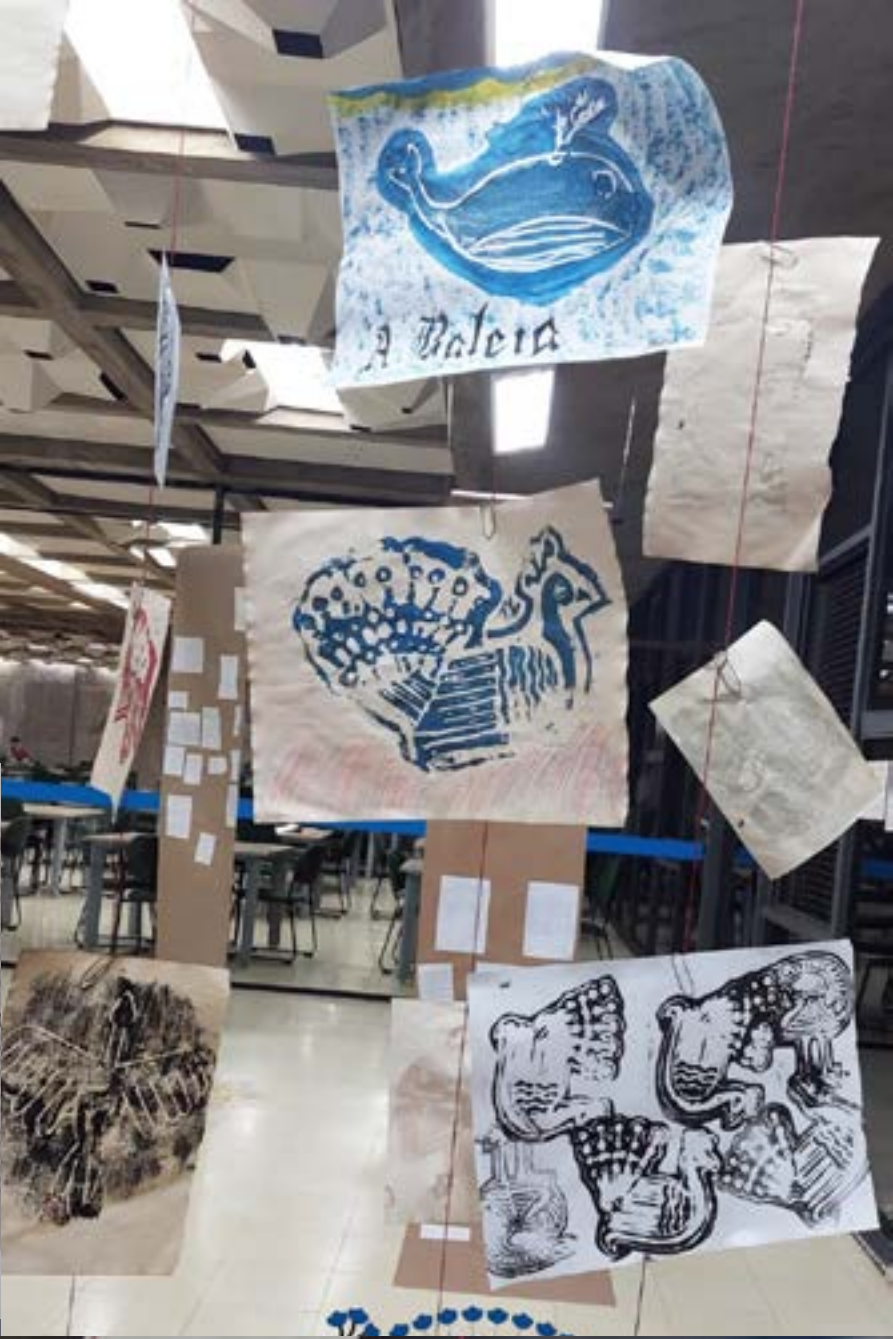
... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



Vidas Fotografadas





Histórias dos Diálogos de São Gregório

Os textos dos Diálogos de Gregório são uma obra de grande importância, pois são o primeiro texto em português a tratar da vida e do trabalho do homem no campo. Seguem três histórias selecionadas para serem trabalhadas em conjunto.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE




EXPOSIÇÃO

Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h




OBRAS RARAS BCE-UNB







Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

